



III SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE:
INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA
"Impactos da agenda conservadora sobre a formação de professores"

Dourados - MS, de 21 a 23 de maio de 2018

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO *Português*, 3º ano do Ensino Médio

Mayara Mayre Silva dos SANTOS (UEMS - Dourados)¹

Carla Regina de Souza FIGUEIREDO (UEMS - Dourados)²

RESUMO: A partir das recomendações oficiais, como as trazidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), analisar-se-á como a obra *Português*, da coleção *Ser Protagonista* (BARRETO, et al. 2010), destinada ao 3º ano do Ensino Médio, abordou a temática variação linguística, uma vez que se prevê ao componente curricular *língua portuguesa* a mobilização do(s) letramento(s) por meio de textos em que os alunos reconheçam diversas práticas de uso da língua considerando as necessidades de interação nos diferentes contextos de produção. Adotou-se, como parâmetro avaliativo, as perguntas formuladas por Bagno (2007) e Lima (2014) sobre a adequação do tratamento dado pelos livros didáticos (LD) aos fenômenos de variação e de mudança linguísticas, além das contribuições da Sociolinguística. Observou-se que Barreto (et al. 2010) a) utilizaram diferentes gêneros textuais em que as variantes linguísticas representavam situações reais de uso da língua; b) a variação no LD não se limitou ao sotaque e ao léxico, uma vez que fenômenos gramaticais também foram contemplados; c) explicitaram que a variação ocorre tanto na fala quanto na escrita; d) exemplificou por meio de gírias da língua brasileira de sinais (Libras) a variação diatópica; e e) distinguiram a norma-padrão dos usos linguísticos autênticos dos falantes urbanos letrados (norma-culta). Mesmo que *Português* não seja o LD adotado na escola, está na biblioteca entre as obras disponíveis para escolha do professor, por isso, acredita-se que o resultado deste trabalho contribuirá na preparação de aulas de língua portuguesa sobre variação linguística.

Palavras-chave: Ensino Médio. Livro didático. Variação linguística. Língua. Ensino.

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Letras – habilitações em Português/Inglês na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Dourados. E-mail: mayara.silvasantos18@hotmail.com

² Docente nos cursos de Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Dourados. E-mail: carlarsfigueiredo@gmail.com

Introdução

O livro didático é um material que norteia o professor nas práticas em sala de aula e colabora com mecanismos capazes de provocar discussões e apropriações de novos discursos linguísticos. Com o auxílio deste material, o professor poderá direcionar suas aulas e refletir sobre as práticas de ensino de variação linguística nos dias atuais, cabendo a ele adaptar as propostas de atividade ao contexto sociocultural de uso de uma língua. Eis o que prevê a Base nacional Comum Curricular (BNCC):

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. Essa competência específica [competência 4 das Linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio] indica a necessidade de, ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem as línguas e seu funcionamento não de maneira normativa, como um conjunto de regras e normas imutáveis, mas como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos muito variados de outras línguas em âmbito global, respeitando o fenômeno da variação linguística, sem preconceitos. (BRASIL, 2017, p.486).

[...]

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos [língua portuguesa no Ensino Médio: campos de atuação social. Práticas: leitura, escrita, produção de textos e análise linguística/semiótica]. (BRASIL, 2017, p.500).

Diante do exposto, este trabalho visa analisar como a temática variação linguística é apresentada na obra *Português*, da coleção *Ser Protagonista* (BARRETO, et al. 2010), destinada ao 3º ano do Ensino Médio. Trata-se de um livro didático indicado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e por isso, ainda que não seja o adotado na escola, estará na biblioteca à disposição daqueles que desejarem consulta-lo para a elaboração de aulas de língua portuguesa. Assim, acredita-se que os resultados desse estudo contribuirão com as práticas de ensino-aprendizagem do professor.

Metodologia

Para direcionar a análise do LD *Português* (BARRETO et al. 2010) quanto ao enfoque dado ao tema variação linguística, usou-se como parâmetro um rol de perguntas sugeridas por Bagno (2007) e Lima (2014), que Moura e Figueiredo (2017, p.88) organizaram numa ficha analítica, tal como se demonstra a seguir.

Ficha analítica da obra “X”

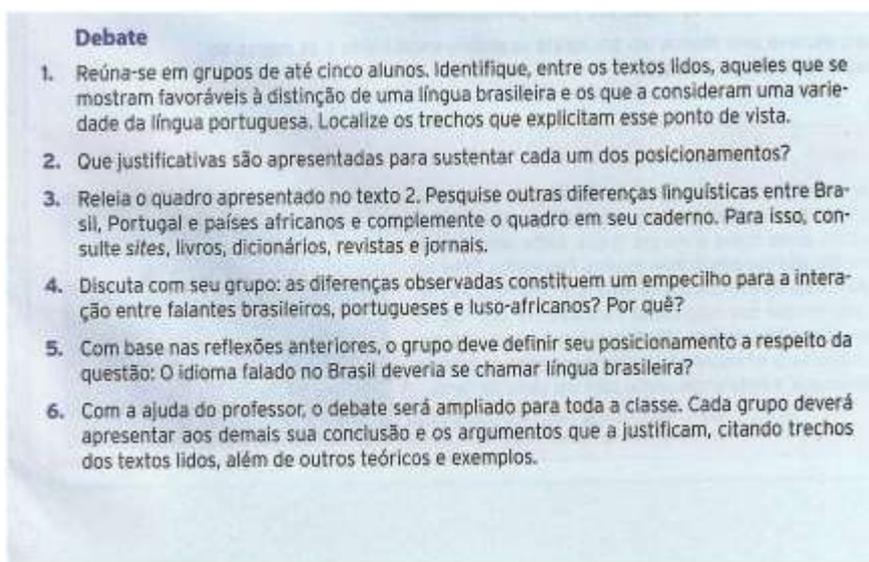
Referência bibliográfica da obra “X”		
PERGUNTA	SIM	NÃO
01. O livro didático trata da variação linguística?		
02. O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de língua que existe no Brasil?		
03. O tratamento se limita às variedades rurais e/ ou regionais?		
04. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados)?		
05. O livro didático separa a norma-padrão da forma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?		
06. O tratamento da variação no livro didático fica limitada ao sotaque e ao léxico ou também aborda fenômenos gramaticais?		
07. O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do certo e do errado?		
08. O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como um lugar de erro?		
09. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?		
10. O livro didático apresenta a variação linguística apenas para dizer que o que vale mesmo, no final das contas, é a norma-padrão?		
11. A variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada?		
12. A terminologia utilizada pelo livro se adequa aos padrões científicos ao mesmo tempo em que é acessível ao aluno?		
13. Há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso?		
14. Os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do português brasileiro (PB)?		

Fonte: Moura e Figueiredo (2017, p.88) a partir de Bagno (2007, p.125-139) e Lima (2014, p.123).

A partir das contribuições da Sociolinguística, observou-se como cada questão “foi respondida” positiva ou negativamente durante a análise do LD selecionado.

A variação linguística no LD *Português*

A temática variação linguística é abordada na obra *Português* (BARRETO et al. 2010), de maneira explícita, em três momentos. No primeiro, apresentam-se três textos com pontos de vista distintos acerca a existência ou não de uma “língua brasileira”, discussão fomentada sobre: Em que circunstâncias devemos considerar as formas de falar uma língua como variantes e, por essa razão, mantermos o mesmo nome para estas maneiras que apresentam diferenças fonéticas, lexicais e/ou morfossintáticas? Talvez, a política linguística, reflexo de como o Estado delibera sobre as línguas e os seus usos na sociedade, seja o argumento central para tal questão. Após a leitura dos textos, o LD sugere um debate que apreende desde a compreensão dos textos e os resultados de pesquisas acerca das diferenças linguísticas entre o uso do português no Brasil, em Portugal e em países africanos ao posicionamento dos alunos a respeito do idioma falado no território brasileiro não ser mais denominado língua portuguesa.



Debate

1. Reúna-se em grupos de até cinco alunos. Identifique, entre os textos lidos, aqueles que se mostram favoráveis à distinção de uma língua brasileira e os que a consideram uma variedade da língua portuguesa. Localize os trechos que explicitam esse ponto de vista.
2. Que justificativas são apresentadas para sustentar cada um dos posicionamentos?
3. Releia o quadro apresentado no texto 2. Pesquise outras diferenças linguísticas entre Brasil, Portugal e países africanos e complemente o quadro em seu caderno. Para isso, consulte sites, livros, dicionários, revistas e jornais.
4. Discuta com seu grupo: as diferenças observadas constituem um empecilho para a interação entre falantes brasileiros, portugueses e luso-africanos? Por quê?
5. Com base nas reflexões anteriores, o grupo deve definir seu posicionamento a respeito da questão: O idioma falado no Brasil deveria se chamar língua brasileira?
6. Com a ajuda do professor, o debate será ampliado para toda a classe. Cada grupo deverá apresentar aos demais sua conclusão e os argumentos que a justificam, citando trechos dos textos lidos, além de outros teóricos e exemplos.

Fonte: Barreto (et al. 2010, p.249).

Noutra ocasião, quando o conteúdo “termos integrantes da oração” é estudado, o trecho do romance “*Outsiders: vidas sem rumo*” de Susan E. Hilton serve de pretexto para que a dinamicidade da língua seja trazida novamente para a sala de aula. Na narrativa, a descrição de um conflito social entre jovens de classe média baixa de Oklahoma (EUA), no final de década de 1960, e os garotos ricos; cada grupo reconhecido não só pela maneira de se vestir como pelo comportamento linguístico divergente ao adotarem gírias que os identifiquem como pertencentes a um grupo que não outro. Nesta unidade, evidencia-se, a partir da variação diastrática, o quão o locutor, o interlocutor, a mensagem e o canal interferem no processo comunicativo. Em excertos do romance, observa-se na fala dos personagens o uso dos pronomes pessoais exercendo a função de complemento verbal (ex. *Eu já tinha visto **ela** antes [...] Eu sempre tinha achado **ela** orgulhosa*). No item denominado “Anote”, os autores do LD ressaltam que mesmo sendo consideradas inadequadas em situações formais, em gêneros textuais como e-mails e bilhetes, falantes cultos também podem usar, na modalidade escrita, construções sintagmáticas como “eu vi **ela**” ao invés de “eu **a** vi”. Aqui, duas observações: a) a preocupação dos autores em demonstrar que “diferentes variedades linguísticas apresentam comportamentos sintáticos distintos, com regras próprias de funcionamento” (BARRETO et al. 2010, p.273) tanto na oralidade quanto na escrita; e b) apresentação do conceito de “variedades urbanas de prestígio” (BARRETO et al. 2010, p.273) como sinônimo de usos linguísticos autênticos das falantes urbanos letrados, ou seja, de norma-culta, segundo Bagno (2013, p.61).

Na proposição de texto, solicitam ao aluno uma entrevista semi-dirigida (formular 05 questões) sobre o perfil do adolescente brasileiro hoje. Após a coleta do depoimento, o entrevistador é instruído a transcrever trechos que julgar interessantes e retextualizá-los, de modo a articula-los num texto contínuo. Cumprida esta etapa, apresentar o resultado da atividade ao entrevistado, que avaliará se as marcas linguísticas reveladoras de sua identidade e as informações necessárias para a compreensão do seu discurso foram preservadas. Com o *feedback*, a reescrita do texto pode ser realizada. Trata-se de uma tarefa profícua para abordar fenômenos linguísticos decorrentes da variação diafásica (uso que cada falante da língua faz de acordo com o grau de monitoramento – formal ou informal – que ele confere à comunicação verbal) e da variação diamésica (manifestação da língua falada ou escrita como meio eleito para a produção de uma mensagem), uma vez que diferentes

gêneros textuais (elaboração de questionário, entrevista e textualização elaborada pelo repórter/aluno) na realização do exercício.

Para tratar da variação diatópica, ou seja, daquela verificada por meio da comparação entre os modos de utilizar uma mesma língua em lugares diferentes (espaço geográfico), a língua brasileira de sinais (libras) é tomada como pretexto para o ensino deste conteúdo. Os autores do LD esclarecem que

Assim como o português falado, ela [libras] também apresenta variações regionais, sendo possível em alguns casos identificar a origem geográfica de um surdo pela maneira como ele gesticula. Os sinais de Libras são formados por uma associação de cinco parâmetros: a configuração das mãos (formas produzidas pela mão predominantemente ou por ambas), o movimento (o sinal pode ser feito em ponto fixo ou apresentar movimento), as expressões faciais e corporais (elas dão a entonação aos sinais), a orientação (direção para onde as mãos e o rosto se dirigem) e o ponto de articulação (local onde é feito o sinal – tocando uma parte do rosto/corpo ou em um espaço neutro). A variedade ocorre quando há diferença em pelo menos um desses parâmetros entre as comunidades linguísticas. (BARRETO et al. 2010, p.288).

A escolha da Libras é salutar não só por referendar a noção de heterogeneidade inerente a qualquer língua em uso como para apreender que cada variedade tem características peculiares capazes de diferencia-las dos outros “modos de falar”, neste caso pronunciadas por gestos, uma mesma língua. Em trechos de uma reportagem sobre as variações e as gírias em libras, os alunos perceberão, por exemplo, que mesmo num universo sem sons, há regionalismos no sortido espectro de variantes em forma de gesto. Entre as atividades previstas, a consulta ao Dicionário *on line* de Libras (<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>) a fim de que pesquisassem alguns sinais e procurassem estruturar um pequeno diálogo, que seria exposto na sala de aula. O LD, além de proporcionar ao consulente uma discussão sobre variação linguística em outra língua que não a portuguesa, não limita as variedades regionais aos exemplos de diferenças lexicais e fonéticas do português. E mais, conduz os discentes a uma experiência de contato linguístico com Libras, sinalizando, de algum modo, a pluralidade de línguas existentes no Brasil.

No capítulo 32, que objetiva revisar os pronomes pessoais e as regras de colocação pronominal tanto na norma-padrão quanto em outras situações de uso cotidiano da língua portuguesa, o LD mostra-se coerente entre o que diz sobre variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática. Ao traçar um

paradigma entre o que prescreve a norma-padrão e o que usa, tanto na oralidade quanto na escrita, a parcela letrada da sociedade, legitima um processo de variação que, futuramente, poderá representar mudanças de regras do português, tal como se observa quanto ao uso do sintagma nominal “a gente” como indicativo da primeira pessoa do plural e do pronome de tratamento “você” para se referir a segunda pessoa do pronome pessoal do caso reto.

Quando determinados usos não normativos passam a ser usados por falantes urbanos escolarizados, eles deixam de ser percebidos como “erros” e se incorporam às variedades de prestígio. (BAGNO, 2007, p.117).

Disponibilizar aos alunos não só o padrão é corroborar com o que já dizia Bagno:

[...] devemos lutar para criar uma pedagogia da variação e da mudança linguística, uma reeducação sociolinguística, em que a língua seja sempre vista como heterogênea, variável e mutante, sujeita às vicissitudes e peripécias da vida em sociedade. Em vez de tentar ensinar somente a regra A ou somente a regra B, como se elas fossem mutuamente excludentes, é possível transformar em objeto e objetivo de ensino a própria existência de A e B, e o convívio das duas. (BAGNO, 2007, p.116).

Veja um trecho do LD sobre a colocação pronominal condizente com o que postulou Bagno (2007).

Ao estudar as classes de palavras, você aprendeu que os **pronomes pessoais**, que designam as pessoas do discurso, dividem-se em casos **retos** e **obliquos**. Veja o quadro.

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe, se	ele, ela, si, consigo
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes, se	eles, elas, si, consigo

O português do Brasil conta ainda com *a gente*, que indica a primeira pessoa do plural; e *você(s)*, indicativo da segunda pessoa, classificado como pronome de tratamento.

Nas variedades urbanas de prestígio, os pronomes pessoais do **caso reto** ocupam nas orações a função de **sujeito**: "Eu já estudei", "Ela chegou", "A gente vai ao cinema", etc. Mais raramente, aparecem também como **predicativo**: O melhor de tudo é **ele**.

Os do **caso oblíquo** são empregados fundamentalmente como **complementos verbais**, mas podem também ocupar a função de **adjunto adnominal** e de **sujeito**. Observe:

Funções sintáticas dos pronomes oblíquos nas variedades urbanas de prestígio	
Argumento	Exemplo
objeto direto	As pessoas me julgam sem saber dos fatos.
objeto indireto	Emprestei lhe meu caderno com as anotações.
adjunto adnominal	O namorado olhou para a garota e tomou lhe as mãos. (<i>lhe</i> = da garota)
sujeito (de verbo no infinitivo)	Façam -no comer. (= Façam com que ele coma!)

Fonte: Barreto (et al. 2010, p.338).

Percebe-se, ao longo dos capítulos, que os autores do LD se preocuparam em distinguir norma-padrão da variedade tratada por eles como "variedade urbana de prestígio".

No **uso cotidiano da língua**, é comum os falantes utilizarem construções que não estão de acordo com as regras de **regência** e **concordância** da variedade padrão. Isso acontece, inclusive, em situações discursivas mais formais envolvendo falantes considerados cultos. Esses usos indicam que determinadas construções sintáticas fixadas na variedade padrão não correspondem às atuais variedades urbanas de prestígio. (BARRETO et al. 2010, p.335).

Ainda sobre a colocação pronominal na língua cotidiana, os autores do LD selecionam um artigo de Bagno (2009) intitulado "Deixa eu ser brasileiro", em que o linguista questiona o "apego" excessivo às regras da norma-padrão por parte de revisores de texto em detrimento do que afirma ser um modo próprio do falar do brasileiro. Eis alguns exemplos: a) a preferência pelo verbo "ter" ao invés de "haver" na formação do mais-que-perfeito composto (ex. tinha visto; tinha dito, tinha falado) e b) o uso do pronome oblíquo antes do verbo (próclise). Após alguns exercícios de compreensão e interpretação do texto, Barreto (et al. 2010) acrescentam:

No português brasileiro, há marcada preferência pela próclise, inclusive nos casos em que a gramática normativa recomenda a ênclise. A mesóclise vem caindo em desuso e tende a ser considerada um arcaísmo pela maior parte dos falantes.

No entanto, as prescrições da gramática normativa quanto à colocação pronominal ainda gozam de enorme prestígio social, sendo tomadas por certos setores da sociedade como o “português correto”. Por isso, é importante conhecer essas regras e saber utilizá-las quando o contexto de uso da língua assim o exigir. (BARRETO et al. 2010, p.343).

Assim, não se deve eleger a forma prescrita nas gramáticas normativas como a única a ser ensinada na escola, ao contrário, é necessário que se promova o acesso às diferentes variedades de uma mesma língua, pois isto oportunizará ao aluno um uso mais consciente e reflexivo do código eleito como instrumento comunicativo.

Considerações finais

Observou-se que os autores de *Português* a) utilizaram diferentes gêneros textuais em que as variantes linguísticas representavam situações reais de uso da língua; b) a variação no LD não se limitou ao sotaque e ao léxico, uma vez que fenômenos gramaticais também foram contemplados; c) explicitaram que a variação ocorre tanto na fala quanto na escrita; d) exemplificou por meio de gírias da língua brasileira de sinais (Libras) a variação diatópica; e e) distinguiram a norma-padrão dos usos linguísticos autênticos dos falantes urbanos letrados (norma-culta).

Embora o LD analisado não tenha cumprido todos os requisitos apontados por Bagno (2007) e Lima (2014) tais como a abordagem do fenômeno da mudança linguística, a presença de outras línguas no território brasileiro (as dos indígenas e as dos povos que migraram para o Brasil), que inclusive em decorrência do contato linguístico interferiram no português, e a constância na obra da temática variação; *Português* traz produtivas atividades que fomentam um olhar heterogêneo e funcional sobre a língua em uso.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012, p.146-193.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARRRETO, Ricardo Gonçalves; MARTINS, Matheus; STRECKER, Heidi; PENTEADO, Ana Elisa de Arruda; ABREU-TARDELLI, Lilia Santos; PRADO, Manuela; CLETO, Mirella L.; BERGAMIN, Cecília. **Português, 3º ano: ensino médio.** São Paulo: Edições SM, 2010. (Coleção *Ser Protagonista*).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em 02 maio de 2018.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; MOURA, Thaís Cristina de Almeida. Pra variar...o ensino da língua portuguesa em foco. In.GAMA, Anailton de Souza; GALINDO, Cláudia Sabbag Ozawa; BRITO, Ireni Aparecida Moreira (orgs.). **Práticas de língua, linguagem e literatura.** Nova Andradina: Gama Editorial, 2017, p.78-100.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação Linguística e os livros didáticos de português. In. MARTINS, Marcos Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014, p.115-131.